

REVISTA CICEP
EVOLUÇÃO

MAIO DE 2026 V.5 N.5

DATA DE PUBLICAÇÃO: 15/05/2026

ISSN: 27645363



SL EDITORA

Revista Evolução CICEP

N° 05

Maio 2026

Publicação

Mensal (maio)

SL Editora

Rua Iru, 27, casa 6 – Vila Formosa - 03363-060

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Luiz Cesar Limonge

Responsável Intelectual pela Publicação

Centro Institucional de Cursos Educacionais Profissionalizantes (CICEP)

Revista Evolução CICEP – Vol. 5, n. 05 (2026) - São Paulo: SL Editora, 2026 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.revistaevolucaocicep.com.br/>

ISSN 2764-5363 (online)

Data de publicação: 15/05/2026

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

A ÉTICA E OS VALORES NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO

VAGNER SILVA MAIA..... 04

A FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA CIDADE DE SÃO PAULO

RUTE MARIA DE SOUZA MARTINS 22

A ÉTICA E OS VALORES NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO

VAGNER SILVA MAIA

RESUMO

A utilização dos Jogos Cooperativos é uma prática nova e que poucos conhecem ou usam em suas aulas, tem se observado os métodos utilizado nas aulas e este tem sido um assunto de muita discussão na área da Educação Física, para isso temos o objetivo de agregar os Jogos Cooperativos dentro das aulas e de melhorar não só a inclusão dos alunos, mas também a interação dos mesmos, fazendo com que os jogos venham a contribuir na formação tanto na cultura corporal de movimento como nas relações pessoais, na atribuição de valores e no respeito

Palavras-Chaves: Jogos Cooperativos; Conteúdo da Educação Física; Educação Física Escolar.

A Ética em COMUM-UNIDADE

Ao Iniciarmos essa discussão sobre Ética em *comum-unicidade*¹ faz-se necessário recorrer a um dos módulos de grande importância nesse curso da pós-graduação de Jogos Cooperativos: “ÉTICA EM COMUM-UNIDADE” ministrado pela Prof^a Argentina Lia Diskin, jornalista e co-fundadora da Associação Palas Athenas.

¹ A divisão da palavra é um recurso utilizado por Brotto (2002) para buscar uma melhor compreensão do seu sentido/ significado. Durante o trabalho será utilizado a mesma forma de expressão com a mesma intenção.

Sabendo que o assunto é bastante amplo, será abordada a questão da Ética no geral, para depois inseri-la mais especificamente dentro do contexto escolar, ou seja, a Ética Cooperativa na Educação Física e no Esporte.

O entendimento da palavra Ética aponta para ir além, “transcender”, buscar uma compreensão de quem éramos, como éramos. Por isso levantamos algumas questões: de onde viemos? Qual a bagagem histórica de tudo isso? Compreender para sermos compreendidos.

Sabemos que somos muito novos no cenário da vida, pois evoluímos do Homo Sapiens que tem em torno de 100 mil a 140 mil anos. Então, dentro da linha do tempo podemos dizer que o Universo existe a 14 bilhões de anos, a Terra 5 bilhões, vida 2,5 bilhões, vertebrados 600 milhões, répteis 300 milhões, mamíferos 500 milhões, antropóides 100 milhões, homínídeos 4 milhões, homo sapiens 140 mil a 100 mil, Cidade Estado 10 mil, filosofia 3500 anos.

Logo, podemos dizer que os primeiros mestres foram os animais que aprenderam a comer e a sobreviver. Os animais têm estrutura de sociabilização. (ex.: grupo de chipanzés). Dentro do grupo existem normas e princípios da comunidade dos mamíferos. As formigas, por exemplo, têm um processo de sociabilização que lhes dá condições de sobrevivência.

Os humanos têm procurado uma maneira de serem e estarem mais constante, ou seja, buscando o ser e estar cada vez mais aprimorado para construir um ambiente melhor.

Vivemos assim um processo de transformação constante e recente, e é como nos orienta BOFF:

A ética, como morada humana, não é algo pronto a ser construído de uma só vez. O ser humano está sempre tornando habitável a casa que construiu para si. Ético significa, portanto, tudo aquilo que ajuda a tornar melhor o ambiente para que seja uma morada saudável: materialmente sustentável psicologicamente integrada e espiritualmente fecunda. (BOFF, 2002, P.90).

Apesar de sermos novos no cenário da vida tivemos um processo de mudança grande. Nós, humanos, temos a liberdade que nos permite um jogo de transformação, escolha de culturas, temos escolhas que outras espécies não tiveram. E esse espaço de liberdade que será abordado.

Dentro dessa evolução tivemos a criação da Cidade Estado: 10 mil anos atrás no qual construímos cidades fabulosas como Atenas que ajudaram nesse processo de evolução. Estariam em tribos, pequenos agrupamentos que tinham vínculo sanguíneo. Vivendo na cidade cada um de nós pode se beneficiar do repertório de conhecimento e habilidade. Contribuo e ofereço talento para os homens. Temos a filosofia que tem o papel de rever comportamentos individuais e coletivos. Às vezes nos esquecemos disso e esquecemos que somos um produto inacabado. Podemos nos perguntar por que discutimos?

Estamos nos construindo como indivíduos, como espécie. Estamos em trânsito, nada é definitivo, estamos sempre em processo de transformação. Em vista de uma complexidade crescente como aprimoramento, compreensão cada vez maior. No campo concreto das relações, como a vida se articula e se apresenta nesses diferentes reinos?

Nascemos incompetentes para sobreviver, não temos a capacidade de caça que um felino tem, a visão de uma águia. Não temos a fortaleza de determinados mamíferos, pois somos lentos enquanto nascemos, qualquer peixe sabe nadar, qualquer cavalo consegue ficar em pé, enquanto nós seres humanos somente a partir do primeiro ano de idade. Não existe processo tão lento quanto o nosso, mas em contrapartida nenhuma espécie tem a liberdade que temos e por isso não são tão inteligentes.

Criamos cada vez mais mecanismos para a sobrevivência. Além do trabalho braçal passo a me preocupar com o lado intelectual “pensar”. Exemplo.: tenho como aptidão fazer vara para pescar e no tempo livre tenho tempo para uma mente criativa, tempo para pensar e aprimorar, trégua para a sobrevivência e para a filosofia, que segundo *Lia Diskin*²:

A) Sobrevivência é um condicionamento material, não é a minha vontade.

B) Convivência é como eu me articulo com os outros, crio a minha própria realidade com os outros. Ex.: a relação entre sociedade e sindicato.

C) Transcendência é algo maior, filosofia a respeito de mim mesmo e dos outros. Buscando uma maior compreensão no processo de evolução e ética na comunidade e podemos dizer tudo que constitui o universo e está dentro de nós.

A ética é um esforço de aceitação das diferenças, uma aposta nessa pluralidade e na possibilidade de convivermos. Como uma arte, ela exige cultivo e paciência, abertura e disponibilidade para com o outro, acalentamento de sonhos comuns, preocupação pela felicidade e bem estar de todos. (Fonte: Associação Palas Athena).

² Lia Diskin jornalista, professora do curso de pós graduação Jogos Cooperativos e co-fundadora da Associação Palas Athena (centro de estudos filosóficos). Informações pelo telefone: (11) 3266-6188.

O mundo começa a ruir, pois não sustenta mais a sociedade, há o processo de mudança, ou seja, criação de um mundo novo. Estamos diante de dois mundos. Pluralidade: elementos impossíveis de serem evitados num processo de mudança. O processo de mudança torna-se necessário quando o repertório de valores já não dá conta da realidade ou não promove satisfação e visão do futuro. Direções e significados se esgotaram apontando para uma nova direção.

A transformação de valores envolve a passagem de uma ciência sem ética para uma ciência eticamente responsável; a passagem de uma tecnologia que domina as pessoas para uma tecnologia que serve a humanidade das pessoas; a passagem de uma indústria que destrói o meio ambiente para uma indústria que promove os verdadeiros interesses e necessidades das pessoas em harmonia com a natureza; a passagem de uma democracia formalmente de direita para uma democracia vivida, na qual liberdade e justiça estão reconciliadas. (Fonte: Transparência – Módulo 3).

Temos um padrão de comportamento de ir como nômade. Cada um tem as suas necessidades em seus tempos e não necessariamente no tempo do outro.

Dentro desse processo de transformação existe o conflito que é uma garantia imprescindível de um relacionamento democrático. Sempre insistimos nesse caminho, pois é o caminho que conhecemos. Temos que inventar o nosso papel no cenário da vida e é um processo que demanda tempo. O conflito é necessário, desejável para que ocorra a transformação, senão tiver conflito tem alguém autoritário no processo.

No intuito de uma melhor compreensão do processo, abordarei a questão de um acampamento bosquímano de caça em 1944 no norte da África. Eram nômades, distribuídos no espaço e no acampamento. Anos mais tarde,

sendo mais exato 38 anos, a mesma escola de antropólogos fez um estudo constatando que não eram mais nômades e passaram a ser sedentários, tendo base num território específico.

Como nômade eu não acumulo posses, senão terei que carregar comigo. Como sedentário, fixo na terra, “a terra carrega as coisas”. É analisado o como se ocupa no espaço, como se ocupa na cidade. Passo a ocultar as minhas posses, talvez o outro não as tenha e as deseje. O outro pode invejar minhas terras.

Aqui nasceu a mazela do capital, pois quando passamos a acumular, começamos a criar sistemas de caixinhas, maneiras de ocupar espaço em hábitos nômades diferente do sedentarismo. Nossa humanidade foi nômade e, num determinado momento, passamos a ser sedentários e começamos a acumular coisas. Esse paradoxo de ser sedentário é interessante e entrou para a história: a habilidade que tinha de acumular era mais importante em relação ao meu vizinho e isso provocava mudança na ética.

Nos nômades a sobrevivência está atrelada à sobrevivência do outro.

A ética é daquelas coisas que todo mundo sabe o que é, mas que não é tão fácil assim de se explicar, então vamos a algumas explicações sobre Ética.

Segundo o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, ÉTICA é "o estudo dos juízos de apreciação que se referem à conduta humana susceptível

de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto". (1994, p. 280.)

Etimologicamente falando, segundo Boff (2002) ética vem do grego "ethos", e tem seu correlato no latim "morale", com o mesmo significado: Conduta, ou relativo aos costumes. Etimologicamente falando ética e moral parecem ser sinônimos, mas dando continuidade ao estudo e tomando como base o estudo de Lia Diskin e Boff veremos que existem diferenças significativas entre Ética e Moral.

Segundo Ribeiro (2002, p. 122) "quando falamos de ética (ou moral), consideramos as ações humanas do ponto de vista de aprová-las ou censurá-las" e mais adiante: "A ética examina a ação e não o conhecimento. Os atos podem ser morais ou imorais, mas o mesmo não se pode dizer do que conhecemos".

O mesmo autor enfatiza ainda a necessidade da ética lidar com a ação livre. A vontade é poder deliberativo do agente moral, "não pode estar submetida à vontade de um outro nem pode estar submetida aos instintos e às paixões, mas ao contrário, deve ter poder sobre eles e elas" (RIBEIRO, 2002, p. 123).

Logo, Ethos significava: caráter, hábito, índole, natureza, costume, palavra usada pelos mitólogos que mais se aproximava da palavra ética.

Diz respeito ao comportamento que resulta de um constante repetir-se de atos que visam o bem comum. Neste sentido temos a ética normativa e uma ética não normativa. A primeira lida com deveres e obrigações e a segunda com as ações e paixões tendo em vista a felicidade. Tenho um senso

de responsabilidade para o bem comum e não atendo os gostos particulares: instrumento para que o bem comum se satisfaça. Os conflitos acontecem, pois os interesses são diferentes e não há percepção do bem comum pela convivência e não pela exigência. Às vezes nós investimos pouco na qualidade do relacionamento, ou seja, autobanimos.

Compreender como se deu o processo para se libertar para entender o processo de segregação, racismo, intolerância, etc. Antes tinham razão para tal ato digamos assim, hoje essas razões são injustificáveis. Às vezes estão ofuscados por seu interesse, seus quereres e provoca todo o grupo e não percebe as consequências, não conseguem compreender as ações do grupo.

É fácil criticar as regras já feitas, pois não participou do exercício de elaboração da regra. Senão estão boas, então participe das relações novas de criação no intuito de ficarem boas para você. Existe nas pessoas o pecado da omissão, você não propicia possibilidades, ou seja, quando fui convocado para mudar não fui e uma vez que não vou não participo, eu critico quem foi e tentou mudar. Ex.: Referendos são verdadeiros exercícios de cidadania. Deveríamos ser convocados a tomar decisões constantemente. Exigir ser consultado. Fazer a sua parte não é o suficiente, temos que participar daquilo que não é a nossa parte, mas é nosso, ou seja, exercer a cooperação e é por isso que estamos de acordo com Torkom Saraydarian quando diz:

Somente quando você tem cooperação dentro de si, você tem um impacto sobre o mundo. Pessoas divididas dentro de si mesmas trazem miséria e morte em todos os lugares, e desaparecem sob as ruínas de duas destruições. A sociedade tem-nos ensinado que cada um deve cuidar de si mesmo. Tal conselho tem estado em atuação por um longo tempo e tem levado aos resultados que vemos a nossa

volta. Cuidar somente de si mesmo leva uma pessoa a ser egoísta. A nova ordem será que todos devem cuidar uns dos outros. (SARAYDARIAM, 1990, P.133).

Podemos nos tornar excelentes com a nossa prática. Devemos participar para construir algo mais significativo. À medida que enxergamos e falamos de nosso comportamento mesquinho nós caminhamos para a mudança. Somente boas intenções não bastam, pois elas não são suficientes para construir um mundo melhor, faz-se necessária uma nova ética – uma ética cooperativa conforme afirma Orlick (1989):

Todos os grandes problemas que confrontam o homem, inclusive a violência, a destrutividade, a guerra, a pobreza, a poluição, o crime, a corrupção, a exploração do homem pelo homem, e até mesmo as greves e a inflação desenfreada podem ser solucionados por uma nova ética – uma ética cooperativa (ORLICK, 1989 p.182).

Como unificamos a diversidade das leis, crenças e costumes têm que modificar a cultura de cada povo.

Fazendo um paralelo com o passado e os dias de hoje podemos dizer que o império romano criou o legislativo e determinava o comportamento desejado, senão era penalizado. Atualmente vários países como o Brasil são dependentes dos E.U.A por seu poderio militar e econômico, no passado tínhamos as potências dominantes e ainda o temos. Será que esse domínio não pode ser evitado por uma mudança de comportamento? Por exemplo consumimos refrigerante algo de fora e não precisamos, exportamos o suco para os que não tem para terem. Há um domínio cultural dos EUA, ou seja, sustentam-se única e exclusivamente por nosso comportamento.

Antes tínhamos famílias mais agregadas, hoje o processo de desagregação mundial é novo. A cultura se perpetua pela imitação. É preferível ter uma má referência do que não ter nenhuma.

Assistimos, ao nível dos comportamentos humanos, ao nascimento da moral. Nesse sentido, moral está ligada a costumes e a tradições específicas de cada povo, vinculada a um sistema de valores, próprio de cada cultura e de cada caminho espiritual. (BOFF, 2002, P.92).

Procurando um melhor entendimento da Ética surge a moral que é normativa determinando um repertório de comportamentos, costumes e valores que visam perpetuar uma determinada organização social. Legislatura + culpa + moral, instrumentos usados pelos impérios para legitimar o poder. A ética é uma exigência para se viver em grupo sempre tem que estar deliberando, não temos uma receita escrita. Moral é a obediência por um estatuto criado por um grupo.

Segundo Lia Diskin temos a ética no Hinduísmo baseando-se em alguns princípios como a não violência (Ahimsa), ou seja, tendo outras maneiras de agir sem criar mecanismos de mais violência. Violência é a manifestação de indignação, mas é um método ineficiente. Não temos atitude senão treinarmos uma atitude, descobrir mecanismos novos para surgir um tipo e situação nova. Devemos ter a coragem para nos posicionar numa atitude diferente do esperado.

Logo após termos compreendido as condições para uma Ética universal dentro de uma Comum-idade podemos destacar algumas diferenças entre Ética e Moral que serão importantes na compreensão da Ética no Esporte.

A moral é imposta, determinada, uma norma pré-estabelecida, um padrão a ser seguido, é externa. Necessito conviver com o outro, preciso impor a minha vontade. Às vezes abrir mão em função do grupo. Para o bem comum; exercitar-se. Regras pré-estabelecidas no intuito de organização social. São normas que permitirão a nossa convivência.

A moral também é um condicionamento considerado que aquele comportamento é adequado para aquelas pessoas. Há o início de questionamentos e havendo uma atitude ética em relação a algo. Na moral você diz o que não deve fazer e na hora opta pela ética. Exemplo: não posso sair pela rua pelado e em prol de um bem comum eu uso a ética e não saio pelado. Exemplo: um casal de gay analisando pelo lado da ética eu até tolero, porque de repente é meu colega, mas de acordo com a sociedade é considerado imoral.

A questão da Ética no Esporte

Dentro da atual conjuntura falar de Ética é como discutir sobre futebol ou religião, pois não nos faltam discussões a respeito da ética no esporte, pelo menos no mundo da sociedade, torcidas e da mídia. Podemos acompanhar diariamente, nos comentários pelas ruas ou pelos jornais, escritos, falados e televisionados assuntos pertinentes à moral e à ética nos esportes. Poderíamos “desenterrar” centenas de fatos que foram motivos de polêmicas e discussões a respeito. Então vale lembrar alguns deles.

A começar pelo meu próprio trabalho em uma ONG onde num festival de futsal atletas que não pertenciam à unidade jogaram e que é muito pior eram mais velhos para a determinada categoria, ou seja, os chamados "gatos" do esporte, que falsificam carteiras de identidade para tirar proveito de uma idade menor ou até omitem informações com o consentimento do Educador.

E quem não se lembra do caso "Rubens Barricello" da Ferrari, Rubinho ter que deixar Schumacher companheiro de equipe passar à frente para somar mais pontos no Mundial de fórmula 1 em 2003, ou ainda, a descoberta constante do uso de anabolizantes por parte de atletas de alto nível.

Nesta perspectiva podemos discutir a questão das medalhas conquistadas sob suspeita de doping. A Revista Veja publicou em janeiro de 1998 um artigo chamado "Medalhas sujas", no qual questiona muito os resultados alcançados pelos competidores em olimpíadas e mundiais pela extinta Alemanha Oriental, ou seja, foram 103 casos no atletismo e 86 na natação (masculino e feminino).

A pergunta está no ar... Como ficam os recordes obtidos nestas competições? Muitos desses recordes valendo até hoje. E os atletas que competiram dentro das regras e regulamento pré-estabelecidos e que poderiam ter vencidos aquelas provas, como ficam? A questão é apenas Ética, num ano onde teremos o Pan-americano no Rio de Janeiro em julho.

E o que dizer do maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima nos jogos olímpicos de 2004 quando fora impedido de ganhar a prova sendo seguro por um irlandês a poucos instantes do término da prova chegando em terceiro

lugar. Se bem que a cena causou emoção pelo mundo a fora lhe custando não só o terceiro lugar, mas a medalha “Pierre de Coubertin”. Mas e a questão Ética, será que senão fosse seguro pelo irlandês não chegaria em primeiro lugar? Por quê não lhe dar a medalha de ouro já que estava na frente a poucos instantes da chegada? Será que foi justo?

A sociedade, a mídia utilizam a todo instante de discursos morais e de *fair play*³, quando ela mesma, na prática profissional das pessoas, usa de meios escusos para manter seus níveis de audiência. A competição pelos direitos de transmissão do futebol, por exemplo, não condiz com os princípios do fair play.

Apesar disso esses fatos parecem causar cada vez menos espanto e indignação às pessoas, inclusive a ponto de os responsáveis, ao serem julgados, pela opinião pública, pela justiça esportiva ou comum, serem declarados inocentes, ou seja, “tudo termina em pizza” e um bom exemplo é do dirigente do Vasco da Gama “Seu Eurico Miranda”. Os atos cometidos passam, então, a serem considerados normais e incorporados aos usos e costumes vigentes e, por analogia, passam a ser éticos.

Como abordado no tópico anterior Ética em Comum-Unidade, a ética não é parada e rígida porque os valores humanos não o são. O esporte fica então entre a cruz e a espada. Resta-nos avaliar alguns pontos contraditórios para delinear novas perspectivas para uma ética no esporte.

Temos um esporte que se profissionaliza cada dia mais e se submete às regras do mercado do trabalho economicamente produtivo e que, se por um lado se distancia da pura ética, por outro, e pelos mesmos motivos,

³ Fair Play palavra utilizada pela Fifa em competições para determinar o jogo limpo entre as equipes.

cerceia as liberdades individuais, o livre arbítrio e a possibilidade do ser humano se reconhecer no produto de seu próprio trabalho, cedendo lugar aos interesses do rendimento individualista, das vantagens econômicas e da perversidade da desestruturação trabalhista. Quais são as preocupações éticas com o fim da carreira esportiva? Os segmentos sociais que cuidam do esporte estão preocupados em como será a vida dos cidadãos, que lutaram vários anos para melhorar e manter altos índices de performance estiveram no foco da mídia e, de repente, vivem no anonimato e muitas vezes na miséria?

Não queremos analisar somente no âmbito do alto rendimento, que é sem dúvida o desagrado geral na questão ética, mas também no caso de especialização precoce na descoberta de futuros atletas.

Abordamos aqui dois temas importantes: o primeiro com relação ao papel dos pais. Até que ponto pode se considerar ética a participação dos pais no desenvolvimento esportivo de seus filhos. Os pais estão conscientes e conversam com seus filhos a respeito das consequências positivas e negativas da prática esportiva? Os pais permitem a livre escolha da prática esportiva de seus filhos? As crescentes expectativas de trabalho no esporte, criadas por pais e filhos, que levam ao sonho da riqueza e do sucesso, são compatíveis com a realidade do mundo esportivo? E indo mais além por que os pais não respeitam a opinião dos filhos quando falam que vão seguir Educação Física, mas por influência dos pais acabam optando por Direito, Medicina, Engenharia, etc.

A outra questão é a chamada “peneira”, que frequentemente mandam de volta para casa centenas de jovens decepcionados e frustrados por não terem conseguido um “lugar ao sol”, como as que vimos recentemente

na televisão: “Joga 10” no caso específico do futebol, inclusive com a participação de renomados técnicos e jogadores de futebol.

Quem se "preocupa" com todos aqueles que passaram pelas grossas redes da peneira? Quais são as reais consequências dessa irresponsabilidade?

Dentro dessa atual conjuntura áreas como a Psicologia e a Educação Física tem um papel ético fundamental neste e em muitos outros temas que dizem respeito ao esporte. Enquanto área que se dedica ao estudo das emoções e dos sentimentos humanos, sua função me parece primordial na condução isenta e responsável de ações que minimizem o sofrimento humano no esporte sendo conduzidos, por exemplo, através de uma Ética cooperativa. Não basta discutir modernas técnicas psicológicas para a melhoria da performance no esporte, se não centrarmos nossos esforços no ser humano que o pratica e em suas relações humanas.

De um lado encontramos dirigentes esportivos, empresários, técnicos e até professores de Educação Física que não demonstram qualquer tipo de preocupação com os aspectos éticos e morais abordados anteriormente. Lembrando que dentre eles existem profissionais que em sua grande maioria com formação acadêmica e que divergem, criticam e estão sempre em conflito com relação aos princípios éticos no esporte.

E é por isso assim como Brotto, Orlick, Boff sou a favor de uma ética cooperativa sendo regida pelos valores humanos como: respeito mútuo, confiança, diálogo, amor, paciência, justiça, lealdade, liberdade, entusiasmo etc. E na luta por esse ideal os Jogos Cooperativos dentro da Educação Física Escolar parece ser uma alternativa bem interessante.

Observa-se atualmente, no meio acadêmico, uma certa polarização entre os “defensores” da cooperação e da competição. Independente do lado em que possamos optar, o mais importante do ponto de vista histórico e científico, é o aprofundamento que podemos obter a partir de estudos e debates em torno desse tema.

Considerações Finais

Como educadores devemos nos preocupar com a formação de nossos alunos. Não só vivenciarem atividades competitivas, mas de vivenciarem também atividades cooperativas, atividades livres de sistematização, onde os alunos possam participar de uma maneira livre, democrática e prazerosa. A Educação Física frente ao mundo atual e de acordo com suas necessidades deve buscar alternativas possíveis para as práticas educativas.

Bibliografia

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo Aurélio: O dicionário eletrônico da língua portuguesa**, século XXI - versão 3.0. Rio de Janeiro (RJ): Lexicon informática/ Nova fronteira, 2000.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo (SP): Editora Paulinas, 1969, 2366 p., 5ª Edição.

Coletivo de Autores: Metodologia do ensino da Educação Física, São Paulo (SP); Cortez, 1992.

BATISTA, Sidnei R. Os Jogos Cooperativos e a Educação Física na Escola. Trabalho de Pós-graduação. Santos (SP): Centro Universitário Monte Serrat - Unimonte: 2001. P 39.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** 33º. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CHOPRA, Deepak. **O caminho do mago.** Rio de Janeiro (RJ): Editora Rocco, 1996, 184 p., 1ª Edição.

DARIDO, S. C. **Apresentação e análises das principais abordagens da Educação Física Escolar.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.20, n.1, p.58 – 66, 1998.

DARIDO, S; RANGEL-BETTI,I; RAMOS,G; GALVÃO,Z; FERREIRA,L; MOTA E SILVA,E; RODRIGUES,L; SANCHES,L; PONTES,G; CUNHA,F. **A Educação Física, a Formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais.** Revista paulista de Educação Física,v.15, p.18-19, 2001.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é educação física?** São Paulo (SP):

Brasiliense, 1983.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo (SP):

Editora Cortez, 1996, 335 p., 22^a Edição.



A FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA CIDADE DE SÃO PAULO

RUTE MARIA DE SOUZA MARTINS

Resumo

Este artigo analisa a formação docente dos professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na cidade de São Paulo, destacando desafios, práticas e perspectivas. A pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, foi realizada em escolas da rede municipal e envolveu entrevistas, questionários e análise documental. Os resultados evidenciam lacunas na formação inicial, que raramente contempla as especificidades da EJA, e apontam para uma formação continuada fragmentada, pouco articulada com a realidade das salas de aula. Entre os principais desafios enfrentados pelos docentes estão a evasão escolar, a heterogeneidade das turmas e a ausência de materiais didáticos específicos. Apesar disso, foram identificadas práticas pedagógicas inovadoras, inspiradas em metodologias participativas e críticas, que valorizam os saberes dos educandos e fortalecem vínculos entre professores e estudantes. Conclui-se que a formação docente na EJA em São Paulo requer políticas públicas mais consistentes e programas de formação que dialoguem com a realidade concreta da modalidade, contribuindo para uma educação emancipadora e significativa.

Palavras-chave

Educação de Jovens e Adultos; Formação docente; Políticas públicas; Prática pedagógica; São Paulo.

Abstract

This article analyzes teacher training in Adult and Youth Education (EJA) in the city of São Paulo, highlighting challenges, practices, and perspectives. The research, qualitative and exploratory in nature, was conducted in municipal schools and involved interviews, questionnaires, and document analysis. The findings reveal gaps in initial training, which rarely addresses the specificities of EJA, and point to fragmented continuing education programs that are not sufficiently aligned with classroom realities. The main challenges reported by teachers include school dropout, heterogeneous classes, and the lack of specific teaching materials. Nevertheless, innovative pedagogical practices were identified, inspired by participatory and critical methodologies that value students' life experiences and strengthen bonds between teachers and learners. It is concluded that teacher training in EJA in São Paulo requires more consistent public policies and training programs that directly engage with the concrete reality of this educational modality, contributing to an emancipatory and meaningful education.

Keywords

Adult and Youth Education; Teacher training; Public policies; Pedagogical practice; São Paulo.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma modalidade de ensino fundamental para garantir o direito à educação àqueles que, por diferentes razões, não tiveram acesso ou permanência na escola na idade apropriada. No contexto da cidade de São Paulo, a EJA assume papel estratégico na promoção da cidadania, inclusão social e redução das desigualdades educacionais. No entanto, a efetividade dessa modalidade está diretamente relacionada à formação dos professores que nela atuam. Este artigo tem como objetivo analisar a formação docente dos professores da EJA na cidade de São Paulo, investigando os principais desafios enfrentados, as práticas pedagógicas adotadas e as políticas públicas que orientam essa formação.

Referencial Teórico

A formação docente para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um campo que tem despertado crescente interesse acadêmico e político, especialmente diante dos desafios enfrentados por essa modalidade de ensino no Brasil. A EJA é marcada por especificidades que exigem uma preparação pedagógica diferenciada, sensível às trajetórias de vida dos educandos, suas experiências e saberes prévios (FREIRE, 1996; ARROYO, 2011).

Segundo Paulo Freire (1996), a prática educativa na EJA deve ser pautada pelo diálogo, pela escuta e pelo respeito à autonomia dos sujeitos. Para o autor, ensinar exige compreender que o educando adulto traz consigo uma bagagem cultural e vivencial que precisa ser valorizada no processo de ensino-aprendizagem.

Gadotti (2009) reforça essa perspectiva ao afirmar que a EJA deve ser pensada como uma educação cidadã, voltada para a emancipação dos sujeitos. Nesse sentido, a formação docente precisa ir além da mera transmissão de conteúdos, incorporando uma dimensão ética, política e social.

Arroyo (2011) destaca que os professores da EJA enfrentam desafios singulares, como a heterogeneidade das turmas, a evasão escolar e a precariedade das condições de trabalho. Para lidar com essas questões, é fundamental que os docentes tenham acesso a uma formação inicial e continuada que contemple as especificidades da modalidade.

Além disso, autores como Nóvoa (1992, 2010) e Tardif (2002) enfatizam a importância de uma formação docente que valorize a experiência profissional, o saber pedagógico e a construção coletiva do conhecimento. Essa abordagem é especialmente relevante na EJA, onde os professores frequentemente desenvolvem estratégias pedagógicas inovadoras a partir de sua vivência cotidiana.

No contexto da cidade de São Paulo, a Secretaria Municipal de Educação tem implementado políticas de formação continuada voltadas para a EJA, como o Currículo da Cidade (SÃO PAULO, 2019). No entanto, estudos apontam que ainda há desafios na efetivação dessas políticas, especialmente no que diz

respeito à articulação entre teoria e prática e à valorização do trabalho docente (SILVA, 2020).

Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza exploratória, com o objetivo de compreender as percepções e experiências de professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na cidade de São Paulo.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com professores da rede municipal de ensino, além da aplicação de questionários e da análise de documentos oficiais, como o Currículo da Cidade – EJA (SME-SP, 2019) e diretrizes do Ministério da Educação.

A seleção dos participantes foi feita por amostragem intencional, priorizando docentes com experiência mínima de dois anos na EJA. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas com base na técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), buscando identificar categorias temáticas relacionadas à formação docente, desafios enfrentados e práticas pedagógicas.

A pesquisa respeitou os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, conforme as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Resultados e Discussão

A análise das entrevistas e documentos revelou que a formação docente na Educação de Jovens e Adultos em São Paulo apresenta avanços, mas também desafios persistentes.

1. Formação inicial insuficiente

Grande parte dos professores relatou que sua formação inicial não contemplou conteúdos específicos sobre a EJA. Os cursos de licenciatura priorizam a educação regular, deixando lacunas quanto às metodologias voltadas para adultos trabalhadores, migrantes e sujeitos em situação de vulnerabilidade

social. Esse dado confirma pesquisas anteriores que apontam a ausência de disciplinas voltadas para a EJA nos currículos universitários.

2. Formação continuada fragmentada

Embora a Secretaria Municipal de Educação ofereça programas de formação continuada, os docentes destacaram que tais iniciativas são esporádicas e pouco articuladas com a realidade das salas de aula. Muitos professores afirmaram que os cursos não dialogam com os desafios concretos da EJA, como evasão escolar, heterogeneidade etária e conciliação entre estudo e trabalho.

3. Desafios enfrentados na prática pedagógica

Entre os principais obstáculos relatados estão:

- Evasão escolar: causada por jornadas de trabalho extensas e dificuldades de deslocamento.
- Heterogeneidade das turmas: alunos com diferentes níveis de escolarização e idades variadas.
- Falta de materiais didáticos específicos: muitos professores adaptam conteúdos da educação regular, o que nem sempre atende às necessidades dos estudantes da EJA.

4. Boas práticas identificadas

Apesar das dificuldades, foram observadas estratégias pedagógicas inovadoras:

- Uso de metodologias participativas inspiradas em Paulo Freire, valorizando a experiência de vida dos educandos.
- Projetos interdisciplinares que relacionam conteúdos escolares com questões do cotidiano, como trabalho, saúde e cidadania.
- Criação de espaços de diálogo e escuta ativa, fortalecendo vínculos entre professores e estudantes.

5. Discussão à luz da literatura

Os resultados dialogam com autores como Gadotti (2009), que enfatiza a necessidade de políticas públicas consistentes para a formação docente na EJA, e Arroyo (2011), que destaca a importância de reconhecer os saberes dos educandos como ponto de partida para a prática pedagógica. A ausência de formação específica reforça a ideia de que a EJA ainda ocupa um lugar marginal nas políticas educacionais, apesar de sua relevância social.

Conclusão

A formação docente na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na cidade de São Paulo revela-se como um campo de tensões e possibilidades. Os resultados evidenciaram que, embora haja iniciativas de formação continuada promovidas pela rede municipal, ainda persiste uma lacuna significativa na formação inicial dos professores, que frequentemente não contempla as especificidades da modalidade.

Os desafios enfrentados pelos docentes — como a evasão escolar, a heterogeneidade das turmas e a ausência de materiais didáticos específicos — reforçam a necessidade de políticas públicas mais consistentes e de programas de formação que dialoguem diretamente com a realidade da EJA. Ao mesmo tempo, as práticas pedagógicas inovadoras identificadas demonstram o compromisso dos professores em construir uma educação significativa, pautada na valorização das experiências de vida dos educandos e na perspectiva crítica defendida por Paulo Freire.

Este estudo contribui para o debate sobre a formação docente na EJA ao destacar tanto as fragilidades quanto as potencialidades existentes. Recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a análise das políticas de formação continuada e investiguem experiências exitosas que possam servir de referência para outras redes de ensino. Além disso, é fundamental que gestores e instituições formadoras reconheçam a EJA como espaço legítimo de

produção de saberes e de emancipação social, garantindo aos professores condições adequadas para o exercício de sua prática pedagógica.

Referências

- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- GADOTTI, Moacir. Educação e Sustentabilidade. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ARROYO, Miguel G. Ofício de mestre: imagens e autoimagens. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- NÓVOA, António. Profissão professor. Porto: Porto Editora, 2010.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. 2. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000. Brasília: MEC, 2000.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Cidade: Educação de Jovens e Adultos. São Paulo: SME, 2019.



